

GOVERNADORES QUEREM AJUDAR

Mirian Guaraciaba
da equipe do **Correio**

O governador de Santa Catarina, Espiridião Amin, acha que janeiro foi o mês da perplexidade. Sucessivas crises e reuniões precipitadas de governadores da situação e da oposição. "As cartas de São Luiz e de Belo Horizonte em nada ajudaram o país", critica Amin, referindo-se aos encontros de governadores aliados e de oposição a Fernando Henrique realizados nessas duas cidades.

Amin tem agora uma proposta diferente. Quer que o presidente Fernando Henrique reúna todos os governadores — aliados ou não — para discutir os estragos da crise e os rumos que o país pode tomar. "A liderança do presidente é inquestionável. A nossa, nos estados, também é. Então, temos que estar juntos para vencer os problemas", prega Amin.

O governador acha que o encontro acontecerá em uma ou duas semanas. Conta com o apoio do governador Mário Covas, amigo e aliado de Fernando Henrique. Amin fez contatos com outros governadores e ministros que concordaram com a reunião conjunta.

Espiridião Amin foi o único governador (fora os de oposição) ausente na reunião promovida por Roseana Sarney, em São Luiz, no início deste mês. Roseana convidou os aliados em retaliação ao encontro organizado pelo governador de Minas Gerais, Itamar Franco. "Não sou governador da situação, nem da oposição", justifica Amin.

E acrescenta: "Esse tipo de reunião serve apenas para acertar contas antigas e não para discutir propostas novas". Amin refere-se aos desentendimentos entre Itamar Franco e Fernando Henrique.

A proposta do governador Espiridião Amin pode tirar o presidente Fernando Henrique de uma posição de isolamento que vem se acentuando nos últimos dias. Aliados de todos os partidos estão preocupados com a pouca ou nenhuma receptividade do presidente em relação a sugestões ou opiniões emitidas durante conversas ou audiências.

Fernando Henrique não tem chamado os costumeiros interlocutores para discutir a crise. Nem se dispõe a conversar muito durante as audiências. "Ele apenas ouve, não emite opiniões", informa um influente político do sul do país.

Os diagnósticos recebidos por políticos importantes, com acesso ao presidente da República, indicam que a pior fase da crise ainda vai durar cerca de um mês. Até lá, ninguém trata da substituição do ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Nem o presidente Fernando Henrique, nem aliados importantes do governo, como o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, admitem a saída de Malan. E se sair, não será em pleno vendaval, dizem funcionários graduados do governo.